

Recebido em: 24.08.23  
Aprovado em: 22.12.23

# Boletim Coronavírus no *JN*: uma análise semiótica

Cárlida Emerim  
Natália Paris

Cárlida Emerim

Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos. Professora e pesquisadora na graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: [carlida.emerim@ufsc.br](mailto:carlida.emerim@ufsc.br)

Natália Paris

Jornalista. Mestranda em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: [natiparisr@gmail.com](mailto:natiparisr@gmail.com)

## Resumo:

O artigo reflete sobre o Boletim Coronavírus exibido no *Jornal Nacional*, da *TV Globo* durante a pandemia da Covid-19. A análise se concentra no episódio do dia 19 de junho de 2021, quando a pandemia atingiu a marca de meio milhão de mortos pela doença. E se estende aos contextos relacionados ao período de análise, à produção e à exibição do boletim, produzido com base em informações apuradas, de forma independente, por um grupo de veículos de imprensa, diante da dificuldade e falta de transparência na divulgação dos dados pelo governo federal. A análise articula os preceitos basilares e éticos do jornalismo como categorias e usa a Semiótica Discursiva como metodologia a fim de mostrar se esses pressupostos profissionais convergem para a relevância do jornalismo na manutenção da democracia.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Fundamentos do Jornalismo. Semiótica.

## Coronavirus Report on *JN*: a semiotic analysis

### Abstract:

The article reflects on the Coronavirus Bulletin presented on *Jornal Nacional*, on *TV Globo*, during the Covid-19 pandemic. The analysis focuses on the episode of June 19, 2021, when the pandemic reached half a million deaths from the disease. It extends to contexts related to the analysis period, the production, and the display of the bulletin, produced based on independently gathered information by a group of media outlets in the face of a lack of transparency in the disclosure of federal government data. The analysis articulates foundational and ethical tenets of journalism as categories, and employs Discursive Semiotics as a methodology to demonstrate whether these professional assumptions converge concerning the significance of journalism in maintaining democracy.

**Keywords:** Telejournalism. Fundamentals of Journalism. Discursive Semiotics.

Estudos em Jornalismo e Mídia  
v. 20, n. 2, jul./dez. 2023.  
ISSNe 1984-6924

## Introdução

A pandemia da Covid-19 foi um evento altamente midiático, noticiado pela imprensa do mundo sob diversas perspectivas. O interesse público inquestionável de uma doença, até então desconhecida, que atingiu o planeta inteiro com altos índices de contaminação e de mortes já é suficiente para justificar a intensa e extensa cobertura midiática no maior telejornal do Brasil em termos de audiência, o *Jornal Nacional (JN)*, da *TV Globo (TVG)*<sup>1</sup>. Por quase três anos, de 2020 a 2022, temas sobre a Covid-19 foram destaque no programa jornalístico. Entre eles, o *JN* apresentou diariamente um boletim com dados sobre o avanço do Coronavírus no país e, mais tarde, com os números da vacinação. Em junho de 2020, em razão de mudanças na metodologia e nos constantes atrasos na divulgação dos dados enviados pelo governo federal à mídia, o *JN* e outros veículos de imprensa criaram o Consórcio de Veículos de Imprensa para apurar os números completos da pandemia de forma independente. Conforme explicam os veículos participantes, a apuração partia de dados obtidos dos estados e do Distrito Federal e não mais do Ministério da Saúde, sob a premissa de garantir a transparência nas informações. Assim, os dados ganharam destaque na programação do *JN*, com a exibição de vasto material temático, aqui definido como Boletim Coronavírus. Ao invés de uma nota na bancada<sup>2</sup> com os números da pandemia exibidos em arte<sup>3</sup>, o relatório passou a ser apresentado por um repórter, em link ao vivo<sup>4</sup>, mas de dentro de um estúdio.

O presente trabalho traz a proposta de refletir sobre o Boletim Coronavírus, com vistas a observar se o formato, a estrutura e o contexto de criação e exibição do quadro convergem com princípios éticos e basilares do Jornalismo, alguns dos quais defendidos editorialmente pela TV Globo. Para tanto, o artigo se propõe à análise de um episódio do boletim, a partir da perspectiva da Semiótica Discursiva, com base numa proposição metodológica aplicada a análise de objetos do telejornalismo desenvolvida por Emerim (2017b). Desta forma, a pesquisa analisa os efeitos de sentido e as relações atribuídas ao destaque dado pelo programa na divulgação do avanço da pandemia e a relevância do jornalismo para a manutenção de direitos essenciais e da democracia.

## Conceitos epistemológicos

O jornalismo profissional no Brasil é ancorado em fundamentos como a objetividade, a imparcialidade e a independência. Tais princípios foram introduzidos à cultura jornalística nacional a partir de 1940, com a importação do modelo produtivo, estético e ético dos Estados Unidos, e se consolidaram com a expansão dos cursos de jornalismo no país, a partir de 1969 (Albuquerque, 2005; Silva, 1991).

Ao discutir a objetividade jornalística, Sponholz (2003) propõe que ela seja compreendida como um processo que realiza, ou deve realizar, uma conexão entre o que acontece (o fato) e o que será apresentado pela mídia (o texto<sup>5</sup>) sendo que, para tal tarefa, os jornalistas devem fazer uma observação criteriosa a fim de estar mais próximo da informação a ser repassada, evitando interpretações falsas ou codificações que possam confundir o público receptor. Ou seja:

Objetividade jornalística, por sua vez, deve ser entendida pelo conjunto de normas e regras para a observação da realidade, que tem como objetivo a produção de uma semelhança estrutural entre realidade social e realidade midiática. (Sponholz, 2003, p. 111).

A imparcialidade pode assumir a condição de balizador da objetividade, na medida em que pode apontar os erros do processo de observação. Miguel e Biroli (2010) ponderam sobre a função da imparcialidade como a fiadora do pa-

<sup>1</sup> Em 2020, a *Globo* passou a ser uma única empresa, resultado da união das empresas *TV Globo*, *Globosat*, *Globo.com* e *Gestão Corporativa*. Disponível em: <https://grupoglobo.globo.com/#empresas>. Acesso em: 16 jun. 2023.

<sup>2</sup> Por “bancada”, compreende-se como o móvel que fica à frente dos apresentadores do telejornal.

<sup>3</sup> Por “arte”, em telejornal, compreende-se “imagens ilustrativas afim de facilitar a assimilação de uma matéria” (Roiter, 95 p. 15).

<sup>4</sup> A expressão “ao vivo” quer dizer “transmissão de um programa, ou evento, no momento em que é captado” (Roiter, 95, p.14).

<sup>5</sup> Aqui tratado pela acepção mais comum, sendo qualquer produto resultado da produção do jornalismo.

pel do jornalista em narrar os fatos do mundo da forma mais objetiva e “isenta”, dentro das possibilidades trazidas pela natureza de seus processos produtivos que demandam um recontar através da apuração realizada com as fontes e a própria observação do fato ocorrido. A natureza deste processo é feita por versões que recebem tratamento discursivo e, portanto, já não têm possibilidade de isenção. Contudo, ser imparcial não significa isenção total, mas uma fidelidade ao fato ou a busca por uma narrativa que seja mais igualitária, dando o mesmo poder de voz aos diferentes pontos de vista e versões.

Assim como a imparcialidade, o ideal de independência é um desafio para o jornalismo, principalmente por uma questão conceitual em relação a quem o jornalismo é ou deveria ser independente. Camasão (2017) aponta a dificuldade em definir um conceito por seu caráter relacional, que pode ter diferentes significados em diferentes contextos. Afinal, a independência jornalística não está atrelada apenas à autonomia política e econômica dos veículos de comunicação em relação ao Estado. Também está relacionada a outras formas de pressões e controles, como as que provêm de anunciantes, dos limites e possibilidades da estrutura de produção, de políticos, da audiência, de interesses da própria organização de mídia, entre outros. Segundo Camasão (2017) que cita McQuail (2012), a independência em relação a essas e outras fontes de pressão permite a independência para a defesa de pontos de vista, para a crítica e para a promoção da diversidade e da pluralidade.

Outras noções a considerar neste processo são as de interesse público e de interesse do público, tendo em vista serem cruciais para entender as relações que se quer averiguar no programa em análise. Afinal, como bem diz Sartor (2018), a partir do que pondera Charaudeau (2016), quando se refere aos atravessamentos das estratégias e funções que envolvem a noção de interesse público ou do público, é preciso considerar que há

[...] uma finalidade ética de transmissão de informações em nome de valores democráticos: deve-se informar o cidadão para que participe da vida pública; uma finalidade comercial de conquista do maior número de leitores, públicos, telespectadores, posto que o órgão de informação esteja submetido à concorrência e não pode viver (sobreviver) senão que à condição de vender (ou de capitalizar receitas publicitárias) (Sartor, 2018, p.04 *apud* Charaudeau, 2016, p. 11).

Portanto, não se pode definir apenas um conceito para interesse público e do público, por dependerem, também, de fatores externos à sua essência ou aplicabilidade pura no discurso jornalístico. Mesmo assim, o presente artigo os assume a partir das acepções mais simples de cada um deles, sendo “interesse público” os fatos que os cidadãos têm o direito de conhecer e “interesse do público” temas que estejam em pauta e cuja repercussão possa trazer os retornos de capital necessário para a sobrevivência dos veículos e empresas no mercado.

A objetividade, a imparcialidade e a independência foram conceitualmente incorporadas como fundamentos da profissão, ensinados de forma crítica nos cursos de Jornalismo e, também, assumidos por empresas de comunicação que tendem a enfatizá-los repetidamente como baliza para produções e ações. É o caso da *TV Globo*, responsável pela produção do *Jornal Nacional*. A empresa destaca a isenção no manual *Princípios Editoriais das Organizações Globo (PEOG)*<sup>6</sup> como um atributo para a informação de qualidade, embora admita que é impossível ter cem por cento de imparcialidade, já que o jornalismo é feito por sujeitos e que não há como “alguém se despir totalmente do seu subjetivismo” (Globo, 2011). Apesar disso, a emissora defende o esforço para atingir um grau elevado de isenção por meio de outros pressupostos, como o espaço ao contraditório e a pluralidade de ideias.

No aspecto normativo e ético, há uma defesa quase universal de princípios que são protegidos por lei, o caso do acesso à informação, direito constitucional de todos os cidadãos brasileiros, que está descrito em mais de um artigo da Constituição Federal, a saber art. 5, 37 e 216 (Brasil, 2011). Com base nesse direito fundamental, a Federação Nacional dos Jornalistas constituiu, em 2007, o Código de Ética dos Jornalistas Bra-

<sup>6</sup> Documento elaborado em 2011 com as diretrizes e valores da empresa. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>. Acesso em: 26 de jul. 2023.

sileiros que, em seu primeiro capítulo, já aponta o direito à informação de relevante interesse público e o dever da mídia e dos jornalistas na divulgação de informações corretas, verdadeiras e o impedimento de quaisquer tentativas diretas ou indiretas de obstruir a livre divulgação da informação (Fenaj, 2007).

Esta pesquisa articula os princípios éticos e basilares da profissão à proposta metodológica de Emerim (2017b) para a análise do jornalismo de/para telas – telejornalismo – desenvolvida com base na Semiótica Discursiva. Resumidamente, esta proposição considera o objeto de estudo empírico como texto, que deve ser descrito e interpretado e, também, examinado sob as perspectivas de suas relações entre o conteúdo – o que se diz – e a expressão – o que se mostra para dizer o que diz (Emerim, 2017b). Para tanto, centraliza a análise no texto/produto que “se compreende como uma unidade de sentido, produto da semiose, isto é, da função contraída entre expressão e conteúdo” (Emerim, 2014, p. 109-110). Observa e verifica as relações deste texto/produto (em específico a este trabalho, definido como texto televisivo), com o próprio contexto de existência, de pertencimento, de produção, de circulação e de recepção, cujos elementos se configuram a partir da natureza e universo da produção televisual jornalística. O percurso de análise inicia com o processo de decupagem que descreve as marcas inseridas no texto (marcas entendidas como elementos constitutivos que podem ser descritos para fins de análise). Nesta perspectiva técnica é possível separar o conteúdo da expressão, propiciando, então, a imersão nas unidades mínimas do texto em estudo. A sequência de análise é empregada em duas etapas definidas como macro e micro, considerando que na macro as características mais gerais são evidenciadas e, na micro etapa, aqueles elementos e características que os configuram de forma específica. Diante dos resultados é que se aplica, então, o processo de interpretação, buscando estabelecer as relações entre os elementos, no âmbito interno e externo, o que permite evidenciar e comprovar os efeitos de sentido produzidos pelos textos/produtos. No artigo aqui apresentado não será possível mostrar todos os percursos empreendidos tendo em vista a extensão do método. Portanto, se escolheu evidenciar descrições de expressão e de conteúdo, bem como as relações estabelecidas entre os elementos selecionados.

Nesta direção, estabeleceram-se como categorias hierárquicas para este recorte de análise fundamentos profissionais e pressupostos éticos do jornalismo, contando três etapas de análise que examinaram 1) o telejornalismo e o *Jornal Nacional*, que compreendem as características de um telejornal, o *JN* em relação à *TV Globo* e a empresa *Globo*, o histórico do programa, sua estrutura de produção e de exibição; 2) contexto: pandemia e consórcio de veículos, que diz respeito às circunstâncias de criação e exibição do boletim e, por fim, 3) Boletim Coronavírus, a análise detalhada a partir da descrição do cenário, da apresentação e da estrutura de produção e exibição específica do boletim em relação a um dos episódios, como se mostra a seguir.

## O telejornal e o *JN*

De acordo com Emerim (2020), o telejornal como formato tem características específicas que o diferenciam de outros programas jornalísticos, pois é concebido como “um programa que reúne notícias que tenham repercussão e abrangência para um público eclético, cujas temáticas selecionadas têm o objetivo de resumir os principais fatos e acontecimentos das últimas horas” (Emerim, 2014, p. 104). O formato veiculado em TV aberta é um programa que abrange diferentes públicos e, portanto, precisa ter uma linguagem objetiva e clara, como enfatiza Rezende (2000):

O ato de redigir sempre se olha no relógio, constringido pela limitação do tempo, somado às propriedades de uma comunicação oral, requer que a apreensão do texto telejornalístico deve ser de imediato. Por ser impossível voltar atrás e rever a informação, como permite o jornalismo impresso, a notícia em televisão deve ser entendida imediatamente, objetivo que só se concretiza graças à utilização de uma linguagem coloquial. (Rezende, 2000, p. 93).

A objetividade e a clareza, segundo Emerim (2020, p. 4), são necessárias também para atingir critérios de abrangência e repercussão, já que “o objetivo é o de apresentar o maior número possível de informações de modo a permitir que o telespectador saiba dos principais fatos, das mais diversas naturezas e editoriais”. Essas especificidades, de acordo com a pesquisadora, não permitem espaço para opiniões, contribuindo, em tese, para o exercício da objetividade e um maior nível de isenção. Diante do exposto, podemos afirmar que o *Jornal Nacional* é um telejornal tradicional inspirado no modelo estadunidense denominado *hard news*, como definiu o ex-diretor da Central de Telejornalismo da Globo (CGJ), Evandro Carlos de Andrade (Rezende, 2000), ao se referir a um jornalismo factual, objetivo que tem a isenção como pretensão. O modelo foi incorporado pelo *JN* desde sua primeira edição, que foi “ao ar” em setembro de 1969.

O *Jornal Nacional* é o mais antigo telejornal exibido em rede no país. Ele apresenta notícias de grande abrangência do Brasil e do mundo. O programa é um dos principais produtos jornalísticos da *Globo*, que possui a segunda maior rede de TV do mundo e integra o Grupo Globo, maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e um dos 20 maiores grupos de mídia do planeta<sup>7</sup>. O *JN* é exibido, ao vivo, na *TV Globo*, canal aberto de televisão no modelo de concessão pública, e no *streaming* da empresa, o *Globoplay*, onde também é possível assistir ao programa fora do horário de exibição. Ele tem duração média de 45 minutos e vai “ao ar” de segunda a sábado às 20h30<sup>8</sup>, horário nobre da grade, exibido entre duas das principais novelas, que são o carro-chefe no entretenimento do canal aberto. As coberturas nacionais e internacionais são facilitadas pelas mais de 120 emissoras, divididas em próprias (geradoras e filiais) e afiliadas, que retransmitem a programação, que conta ainda com unidades e escritórios de retransmissão no exterior e jornalistas correspondentes em alguns países.

Na época da divulgação dos boletins do Coronavírus, o *JN* era apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos. A apresentação do telejornal é realizada de uma bancada posicionada em uma pista redonda elevada e giratória, localizada em meio à redação da emissora, onde é possível ver em volta e abaixo a equipe de produção. Essa posição da bancada, como analisado por Emerim (2020), gera efeitos de sentido importantes para a manutenção do status quo do telejornal:

Essa disposição produz um efeito de sentido de superioridade, que se estende ao *poder de saber*: eles estão ali porque detêm um conhecimento sobre informações que o telespectador desconhece. Por outro lado, a focalização com nitidez na figura dos apresentadores, o que não acontece em relação aos outros membros da redação, cuja imagem é apresentada desfocada, não permitindo a identificação por parte dos telespectadores, reitera esse efeito de sentido de *superioridade*. (Emerim, 2020, p. 07).

O programa inicia com a escalada<sup>9</sup>, seguida da vinheta<sup>10</sup> de abertura, que mostra a redação em um giro ao redor da plataforma redonda até focar na bancada, onde estão os apresentadores. Nesse giro, é possível ver boa parte da infraestrutura do telejornal, com as mesas de trabalho, os profissionais, as telas de retorno<sup>11</sup>, a câmera no tripé grua<sup>12</sup> e os equipamentos de *teleprompters*<sup>13</sup>. Antes do início do *JN*, são emitidas chamadas curtas entre os intervalos da programação da *Globo* como estratégia de divulgação do telejornal. A estrutura do programa é composta por cinco blocos, divididos por intervalos comerciais, com a inserção do “*break exclusivo*”, comercial de uma única empresa que vem logo após a escalada do programa. Essa é uma alternativa ao *merchandising*<sup>14</sup> no telejornalismo, que busca separar o conteúdo comercial do jornalístico:

[...] o zelo para manter a parte comercial distante da narrativa jornalística está relacionado ao modelo de negócio e à linha editorial, inspirada na forma de produção e gestão do jornalismo americano, adaptado ao capitalismo e à liberdade de expressão como princípio constitucional [...] de modo que o jornalismo de televisão da *Globo* passou a construir mais credibilidade e a reforçar o discurso de isenção e de objetividade. (Emerim, 2020, p. 9).

<sup>7</sup> De acordo com pesquisa *Media Ownership Monitor (MOM)*, realizada em 2017. Segundo o estudo, a Rede de TV da *Globo* fica atrás apenas da estadunidense *EBC* e o Grupo *Globo* está na 19ª posição no ranking dos maiores conglomerados do mundo. Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

<sup>8</sup> O horário de início do programa costuma variar em até 30 minutos de acordo com a programação da emissora.

<sup>9</sup> Por “escalada” entende-se: “Frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa. O mesmo que manchetes.” (Cajazeira, [s.d.], p.24). Disponível em: [http://sites.ufca.edu.br/jornalismo/wp-content/uploads/sites/24/2016/01/Manual\\_Telejornalismo.pdf](http://sites.ufca.edu.br/jornalismo/wp-content/uploads/sites/24/2016/01/Manual_Telejornalismo.pdf). Acesso em: 28 jul. 2023.

<sup>10</sup> As vinhetas são “materiais que identificam os programas. Na televisão, elas ainda servem como elementos narrativos dividindo-se em tipos: Abertura e Encerramento” (Emerim, 2017a).

<sup>11</sup> Por “telas de retorno”, compreendem-se pequenas telas dispostas no estúdio que permitem aos apresentadores acompanharem o programa e monitorar os finais de exibição das reportagens.

<sup>12</sup> As gruas são sistema de guindaste onde são instaladas câmeras de vídeo que percorrem o cenário durante a apresentação. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Grua\\_de\\_cinema#:~:text=A%20grua%20de%20cinema%20consiste,se%20um%20sistema%20de%20gangorra](https://pt.wikipedia.org/wiki/Grua_de_cinema#:~:text=A%20grua%20de%20cinema%20consiste,se%20um%20sistema%20de%20gangorra). Acesso em: 14 ago. 2023.

<sup>13</sup> O *teleprompter* é “um aparelho que projeta o texto do apresentador numa tela de vidro próximo a lente da câmera” (Tourinho, 2009, p. 87).

Antes dos intervalos comerciais, os apresentadores também fazem chamadas curtas acompanhadas de “a seguir”, com informações sobre notícias a serem exibidas no próximo bloco. Não há uma ordem permanente de distribuição de temas ao longo de cada edição. Os fatos são apresentados nos gêneros notas, notícias, reportagens e também em links ao vivo, além do boletim do tempo, quadro apresentado por repórter/apresentador(a), ao vivo, em cenário de estúdio. Esse formato é, ainda, eventualmente utilizado para apresentar outros temas relevantes que requerem destaque e informações detalhadas, como o Boletim Coronavírus, objeto e análise neste artigo. Antes, é preciso entender o contexto que justifica a criação do boletim.

### O contexto do boletim

As eleições de 2018 no Brasil resultaram no avanço de um modelo de política baseada no embate ideológico e no acirramento de posturas radicais entre o que se poderia chamar de antipetismo e bolsonarismo, de um lado, e, de outro, as esquerdas que divididas já não tinham forças para enfrentar a avalanche de *fake news* e outras manipulações de informação relevante para sociedade.

Em meio a esse clima dicotômico, ocorre a pandemia e o enfrentamento da crise sanitária se torna palco de disputas políticas por parte de quem estava no governo federal entre 2020 e 2021. O resultado foi uma inércia de gerenciamento por conta de posturas ideológicas contra a ciência e a vacinação contra a Covid. As ações empreendidas estabelecem ligação com laboratórios e medicações sem comprovação científica adotadas massivamente pelo então governo federal. Enquanto de um lado há os bolsonaristas e os grupos que não acreditam nos problemas nem na crise sanitária, os chamados de extrema-direita, de outro, há grupos que lutam para apresentar os problemas e encontrar soluções efetivas e comprovadas, considerados os ideologicamente afinados com as esquerdas liberais. Ou seja, no momento crítico de uma crise sanitária mundial, o Brasil estava imerso nessa “briga” por poder político mobilizada a partir da crença de que a Terra é plana e de que vacinas não são eficazes para curar doenças, ao contrário, provocam e deixam a população mais suscetível a ficar doente. Cabe ressaltar que a proposta do artigo não é a de fazer a discussão política deste momento em específico, mas apenas contextualizar brevemente de modo a permitir a compreensão do surgimento do consórcio de veículos, bem como do Boletim Coronavírus.

Em relação à pandemia, desde a primeira suspeita de contaminação por Coronavírus no país, dia 28 de janeiro de 2020, o *Jornal Nacional* passa a noticiar diariamente os casos suspeitos da doença. A partir da confirmação do primeiro infectado no Brasil, no dia 26 de fevereiro do mesmo ano, o programa inclui os números de contaminados. No início do contágio no país, os dados sobre a doença são divulgados em reportagens que cobrem as coletivas de imprensa do Ministério da Saúde, realizadas diariamente às 17h, horário de Brasília, até a saída do então ministro Luiz Henrique Mandetta, em 16 de abril de 2020. A partir do dia 9 de março de 2020, o *JN* passa a exibir com frequência os dados da pandemia no país da bancada do jornal. Sob comando do novo ministro da saúde, Nelson Teich, as entrevistas coletivas sobre a pandemia deixam de ser diárias e os boletins com os dados da Covid passam a ser enviados pelo governo à imprensa às 19h, horário de Brasília. Com a saída de Teich em 15 de maio de 2020, Eduardo Pazuello assume a pasta, e a divulgação dos números da pandemia começa a perder a regularidade de horário.

No dia 3 de junho do mesmo ano, quando o então recorde de 1.349 mortes pela doença é registrado, o Ministério da Saúde alega problemas técnicos e só divulga os dados às 21h45, após a exibição do *Jornal Nacional*. No dia seguinte, com um novo recorde de 1.471 óbitos, a pasta emite o boletim às 22h no site do órgão, mesmo tendo os números apurados já às 19h, conforme reportagem do *JN* de 4 de junho de 2020. Por causa dos atrasos, o telejornal passa a divulgar os dados com

<sup>14</sup> Termo utilizado em televisão para se referir à citação de marcas, serviços, produtos ou empresas durante a apresentação de um programa televisivo.

base no levantamento do *GI* junto às secretarias de saúde dos estados e do Distrito Federal. O anúncio com a respectiva justificativa é feito pelos apresentadores Willian Bonner e Renata Vasconcellos. Bonner reforça o compromisso do *JN* em levar aos telespectadores todas as informações relevantes:

[...] Para que você tenha sempre os números mais atuais dessa pandemia, a partir de hoje, o *Jornal Nacional* vai apresentar os dados das secretarias estaduais de saúde, totalizados pelo *GI* e, também, os dados atualizados do Ministério da Saúde quando forem divulgados a tempo, porque a nossa missão no *JN* é levar a você todas as informações relevantes sobre esse desafio enorme que a pandemia impõe à saúde dos brasileiros (Bonner, *JN*, 04.06.2020).

Em 5 de junho, o Ministério da Saúde atrasa a divulgação do boletim pelo terceiro dia consecutivo e não explica o motivo. De acordo com reportagem do portal *GI*<sup>15</sup>, Jair Bolsonaro confirmou que houve intenção de atrasar os dados para prejudicar a exibição no *JN* ao dizer “acabou matéria no *Jornal Nacional*”. Bolsonaro também falou que não tinha que “correr para atender à *Globo*” e publicar o boletim antes das 22h. No mesmo dia, o Ministério da Saúde muda a metodologia de apresentação dos dados ao mostrar apenas os números relativos aos contaminados e óbitos das últimas 24 horas, sem os dados totais, acumulados desde o início da pandemia. No dia 7 de junho, mais uma mudança da pasta, anunciada no *JN* do dia 8 de junho de 2020:

Desde a semana passada, o governo no Bolsonaro tem dificultado o acesso da imprensa e dos cidadãos às informações da pandemia e provocado com isso muitas críticas no Brasil e no exterior. Mas, contrariando a regra mundial, o Ministério da Saúde insistiu hoje em mudar o critério de contagem de mortes no boletim de dados da Covid-19. No espaço para o número de mortes registradas nas últimas 24 horas, o ministério pretende publicar somente os óbitos que ocorrerem especificamente nessas últimas 24 horas. As mortes por Covid ocorridas em dias anteriores, mas confirmadas nas últimas 24 horas, ficarão de fora dessa conta. (Bonner, *JN*, 08.06.2020).

A postura do governo federal resulta em ampla repercussão negativa no país e no exterior, como mostraram reportagens exibidas no dia 8 de junho. Nesse mesmo dia, sob a justificativa dos repetidos atrasos e as mudanças metodológicas de apresentação dos dados, o *Jornal Nacional* divulga, na abertura do programa, a criação do consórcio de veículos de imprensa para apurar os dados da pandemia, junto às secretarias estaduais de saúde:

[...] O governo federal impõe obstáculos à informação correta dos cidadãos com a falta de transparência e as recentes mudanças de metodologia na divulgação de dados da doença. Em resposta à decisão do governo Jair Bolsonaro de restringir acesso aos dados sobre a pandemia de Covid-19, os veículos *GI*, *O Globo*, *Extra*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e *UOL* formaram uma parceria inédita para trabalhar de forma colaborativa na busca de informações precisas e necessárias dos 26 estados e no Distrito Federal. Equipes de todos os veículos vão compartilhar as informações obtidas para que os brasileiros possam saber como está a evolução e o total de óbitos provocados pela Covid-19, além dos números consolidados de casos testados e com resultado positivo para o novo Coronavírus. Esse balanço diário será fechado às 20h. (Vasconcellos, *JN*, 08.06.2020).

O anúncio do *Jornal Nacional* em divulgar informações de relevante interesse público (conforme trecho anterior de 04 de junho de 2020) reforça um dos princípios previstos do Código de Ética do Jornalismo, garantido pela Constituição Federal. Ao fazer isso, por meio do apresentador na bancada do programa e diante de um contexto em que o próprio governo dificulta o trabalho jornalístico, gera um efeito de sentido de independência, reforçado na fala da apresentadora Renata Vasconcellos durante o anúncio da criação do consórcio de veículos. Independência no sentido de ter encontrado meios independentes de colocar em prática sua missão e, também, de não se “curvar” e ficar refém do governo. Esse efeito de sentido é ampliado para o jornalismo profissional, quando outros veícu-

<sup>15</sup> Reportagem publicada na editoria Bem Estar do portal *GI*, sob o título “Criado para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim”, disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>. Acesso em: 16 de jun. 2023.

los de destaque na mídia nacional endossam o discurso de manter a divulgação de informações relevantes, por meio da formação do consórcio de veículos.

Com o avanço do Coronavírus no país, os números da pandemia ganham maior destaque na programação do *Jornal Nacional* e passam a ser apresentadas por repórteres, ao vivo, em um estúdio. A estreia desse novo formato acontece no dia 24 de julho, quando o Brasil atinge o número de 85 mil mortes pela doença. O telejornal passa, então, a mostrar a média móvel de mortos e de contaminados dos últimos 14 dias, além da situação da doença em cada estado e no Distrito Federal. A partir do dia 21 de janeiro de 2021, quatro dias após o início da vacinação no país, o consórcio inicia a apuração dos dados da vacinação. O consórcio de veículos de imprensa atuou por dois anos e meio, de 8 junho de 2020 até 28 de janeiro de 2023. O fim do grupo teve como justificativa o controle da doença no país e a regularidade dos dados do Ministério da Saúde. Durante a atuação do consórcio, foram detectadas as três grandes ondas de mortes pela doença (2020, 2021 e 2022) e outros marcos da pandemia, como quando o Brasil chegou a meio milhão de mortes pelo Coronavírus. Esse dado foi registrado em 19 de junho de 2021. É o Boletim Coronavírus desse dia que este trabalho analisa em detalhes a seguir.

### Boletim Coronavírus no JN

O Boletim Coronavírus foi apresentado pela última vez em 12 de agosto de 2022<sup>16</sup>. O episódio de 19 de junho de 2021 foi em um sábado. Ele inicia com um vídeo em preto e branco, com figuras que representam pessoas em cenas do dia a dia. Algumas delas aparecem com o contorno do corpo em branco, representando as vidas que se foram. Entre uma imagem e outra, uma tela preta, com o número em tamanho grande, mostra a quantidade de mortos pela Covid, até chegar ao fim do vídeo com 500 mil mortes, conforme imagens abaixo:

#### Figuras 1 e 2: Frame da Vinheta e exemplo de arte



Fonte: imagens capturadas do JN, no site Globoplay.

Ao final do vídeo, William Bonner faz um discurso sobre as mais de 500 mil vítimas da pandemia:

É muito comum se ouvir que os números falam por si, mas também é verdade que eles não dizem tudo. 500 mil vidas brasileiras perdidas na pandemia significam milhões de pessoas enlutadas pela ausência de um parente ou amigo. Milhões! Os números da pandemia e da vacinação, as reações das autoridades dos três poderes, de governistas e opositoristas, os atos públicos em todos os estados e no Distrito Federal você vai ver ainda nesta edição do *Jornal Nacional*. (Bonner, JN, 19.06.2021).

O Boletim Coronavírus é apresentado na entrada do terceiro bloco. Em pé, ao lado do telão, onde aparece a imagem, ao vivo, do repórter e apresentador Fábio Turci (FT), a apresentadora Renata Vasconcellos (RV) anuncia os mais de meio milhão de mortes pela Covid e passa a palavra a Turci. Os dois aparecem na imagem na mesma linha, como se estivessem lado a lado ou frente a frente, conforme imagens 3 e 4.

<sup>16</sup> Os dados sobre a Covid foram apresentados em algumas poucas edições posteriores, mas sem o formato em estúdio.



### Figuras 3 e 4: Tela em divisão em cenários diferentes/ RV (Estúdio 1) e FT (Estúdio 2)



Fonte: imagens capturadas do JN, no site Globoplay.

Na análise em torno dos efeitos de sentido, a cor preta ao fundo em contraste com o branco dos números e das sombras das pessoas que morreram remetem ao luto, enfatizado com a fala do apresentador, que se refere a “vidas brasileiras perdidas” e “pessoas enlutadas”, unindo expressão e conteúdo. Outro efeito de sentido proposto é o de responsabilização, pois as falas resultantes ao final da exibição dos números e do engajamento emocional pelo luto são “reações das autoridades” e “atos públicos”, por exemplo, com imagens que mostram autoridades esquivando-se da imprensa e grupos nas ruas protestando, produzindo o efeito de sentido de ausência dessas autoridades no comando do combate à crise sanitária.

Do ponto de vista do conteúdo, a responsabilização está relacionada à sequência de manchetes lidas pelo apresentador após a fala sobre as mortes, que são: o Boletim Coronavírus, as manifestações no Brasil pelo *impeachment* do então presidente Jair Bolsonaro, grupos em defesa das ciências e das vacinas e as reações de políticos e autoridades frente ao aumento das mortes. Ao exibir, ao longo do episódio, as imagens [expressão] e os relatos jornalísticos como notas, reportagens, comentários [conteúdo], mostrando informações sobre 1) a falta de coordenação nacional no plano de vacinação, 2) a aposta do governo em remédios sem comprovação científica, 3) o desprezo do então presidente Bolsonaro pelas medidas sanitárias e 4) a lista reduzida de realizações do governo em 500 dias de mandato, o JN produz e reitera os efeitos de sentido de responsabilização e de ausência de comando, remetendo à culpabilização do governo sobre os aumentos de mortes e os problemas em torno do controle da pandemia e suas consequências.

Sobre o posicionamento dos apresentadores, ao contrário do efeito de sentido de superioridade e hierarquização, que transparece na posição da bancada do telejornal em relação à redação, essa posição gera um efeito de sentido de igualdade, em que a apresentadora parece delegar para o outro apresentador a competência de fornecer os detalhes, as informações em relação ao momento da pandemia no Brasil, dotando-lhe de capacitação, conferindo o efeito de sentido de especialidade, do diferencial.

### Figuras 5 e 6: Dados em gráficos e imagens chamativas



Fonte: imagens capturadas do JN, no site Globoplay.

**Figuras 7 e 8: Rosto apreensivo do apresentador e prospecções e cores em relevo**



Fonte: imagens capturadas do JN, no site Globoplay.

Na imagem 5, o apresentador mostra os números de mortes naquelas últimas 24 horas e o total acumulado. Em seguida (imagem 6), em nova tela, mas em mesmo formato, uma análise comparativa mostrando que a quantidade de pessoas que morreram no país é maior que a população de 99,1% dos municípios brasileiros. Na imagem 7, um gráfico com a evolução das mortes desde o primeiro registro. Na sequência (imagem 8), um *ranking* em formato de gráfico coluna na cor vermelha dos quatro países com maior registro de vítimas pela doença, em que o Brasil é o segundo, atrás dos Estados Unidos. Os dados apresentados são de um dia de atraso, por isso, não aparecem ainda as 500 mil mortes.

**Figuras 9 e 10: Médias de mortes e mapa que evidencia em cores**



Fonte: imagens capturadas do JN, no site Globoplay.

A imagem 9 mostra as médias móveis dos casos e de mortes, apresentadas em gráfico linha, e a imagem 10, um panorama das mortes por estado e no Distrito Federal, que são exibidos em um mapa do Brasil. Em vermelho estão os estados com aumento de mortes; em amarelo, os em estabilidade; e os estados com queda do número de mortes estão em azul.

**Figuras 11 e 12: Dados de vacinação e estados com mais vacinados**



Fonte: imagens capturadas do JN, no site Globoplay.

Na imagem 11, os dados sobre a vacinação são exibidos sob nova arte de fundo, contendo a imagem da vacina, mostrando a quantidade de pessoas que tomaram a primeira e a segunda doses, nas últimas 24 horas; percentual da popula-

ção vacinada com cada uma das doses e o mapa que destaca os cinco estados que mais vacinaram. Essa sequência de apresentação dos dados da Covid-19 dura 4 minutos e 40 segundos. As cores em relevo azul, cinza e verde remetem à saúde e à tecnologia, configurando efeitos de sentido de competência e de veracidade, ao relacionar o conteúdo – dados estatísticos – com cores ligadas à saúde e à inovação tecnológica, como propõe Heller (2013) em estudo sobre a psicologia das cores.

O conjunto do conteúdo informativo – dados e prospecções –, do contexto de exibição – evidência e diferencial do quadro – e das artes animadas que dão destaque aos números da pandemia ajudam a reiterar o efeito de sentido de importância da informação, contribuindo também para fortalecer os efeitos de sentido de credibilidade, afinal, o formato em estúdio apresentado por um profissional específico o torna – diante do olhar de público – alguém qualificado para explicar os detalhes da evolução da pandemia e da vacinação, contribuindo, também, para produzir o efeito de sentido de relevância informativa sobre o que está sendo apresentado.

Em relação às questões éticas, a análise mostrou que o Boletim cumpre com um dos principais pressupostos, previsto também na Constituição Federal: o acesso à informação de relevante interesse público. Embora o avanço da pandemia e da vacinação possa também ser entendido como de interesse do público, já que trata de tema que está em pauta, o destaque dado a ele não tem relação direta com a questão mercadológica e, portanto, ligada à subsistência do telejornal. Ao contrário, o *JN* assume uma posição de enfrentamento, ao questionar o governo federal na divulgação dos dados e ao utilizar meios próprios para obter as informações da Covid-19, colocando em risco um capital importante para a empresa: as verbas publicitárias da União. Diante do que foi descrito e relacionado de modo a potencializar a análise semiótica empreendida, parte-se, então, para a discussão dos resultados nas considerações finais.

## Considerações Finais

O objetivo do artigo foi realizar uma análise que pudesse mostrar se os pressupostos profissionais, tanto éticos quanto de produção narrativa e de conteúdos informativos, convergiam (ou não) para a relevância do jornalismo na manutenção da democracia. Para tanto, recorreu-se a algumas formas de análise da Semiótica Discursiva, evidenciando, aqui, por conta da restrição do tamanho do texto, a parte mais descritiva dos elementos de conteúdo e expressão e deixando as relações contextuais e de processos éticos do jornalismo para a discussão e apontamentos de alguns resultados ao longo do texto – ao final das análises – e nas considerações finais. Conforme a análise mostrou, pode-se afirmar que o Boletim Coronavírus (BCV), considerando os recursos narrativos, os elementos constitutivos de conteúdo e expressão, o contexto de realização e exibição frente aos princípios éticos da profissão e as relações que permite estabelecer entre eles, cumpre o dever da mídia e dos jornalistas na divulgação de informações de relevância pública, conformando informações corretas e mantendo o acesso livre e público aos dados obtidos.

Essa escolha editorial reitera o efeito de sentido de postura ética e, ao mesmo tempo, ao culpabilizar a inércia governamental, também constrói o efeito de sentido de parcimônia, assumindo um lado no embate entre o cidadão/público e o governo federal. Muito embora se discuta que o jornalismo de modo geral precisa primar pela isenção, a análise mostrou que, neste caso, esta isenção não poderia ser assumida em totalidade, pois claramente o telejornal e o quadro BCV assumem uma postura de estar ao lado do receptor/público/espectador na condição de esclarecer, com transparência, sobre a doença que afeta o mundo e os brasileiros, ao contrário da postura e atitude do governo federal ao negar o problema e não tomar atitudes para resolvê-lo.

Em outra direção, ao assumir essa postura que produz efeitos de sentido de ética profissional e de comprometimento social, o *JN*, por meio do Boletim Coronavírus, acaba reforçando o efeito de sentido de comprometimento e de engajamento com os problemas da população quando fortalece, pelas narrativas e exposições, como bem a análise mostrou, os princípios basilares da profissão, fundados na independência jornalística – ao evitar ficar refém do Estado – para exercer sua atribuição de informar ao cidadão sobre assuntos de relevante interesse público, diante da tentativa do Ministério da Saúde, sob a tutela do então ministro Pazuello, de impedir o acesso da imprensa aos dados corretos e em tempo hábil para veiculação.

A análise mostra que o programa, ao usar a objetividade jornalística na forma como apresenta e como realizou as apurações das informações, se utilizando para isso de uma metodologia independente ao apurar os fatos criteriosamente por meio do consórcio de veículos, reproduz o efeito de sentido de credibilidade e confiança, evitando as interpretações falsas ou codificações que poderiam confundir a população. Um exemplo é quando o governo difunde notícias sobre remédios não comprovados ou informa que está prestando atendimento quando as equipes de imprensa mostravam que não. A objetividade pôde ser vista, também, na forma de exibição dos números e prospecções da pandemia e da campanha de fabricação e aplicação das outro fundamento: a imparcialidade jornalística, exercida e reforçada pelo contexto acirrado de *fake news*, divulgação de informações falsas, construindo o efeito de sentido de fidelidade aos fatos, quando mostrava os critérios de apuração e as fontes confiáveis e com relatos científicos comprovados. Pode-se dizer, também, que o boletim atendeu ao critério de isenção, já que os números do avanço da doença e da imunização são informações relevantes, foram divulgados sem interpretações distorcidas e em detalhes, com base em fontes diversificadas: as secretarias de saúde de cada estado e do Distrito Federal.

Diante do exposto e do propósito do artigo de relacionar os pressupostos profissionais do telejornalismo a fim de mostrar se convergem ou divergem na direção de entender o papel de relevância do jornalismo para a manutenção da democracia, a análise do Boletim Coronavírus mostrou ser convergente, ou seja, tratou-se de uma produção telejornalística que reforçou a importância do jornalismo profissional na manutenção da democracia, por meio de um dos principais pressupostos éticos da profissão: o acesso à informação de interesse público, utilizando, para isso, o que chamamos de fundamentos basilares da profissão: objetividade, independência e imparcialidade jornalísticas, com base no entendimento teórico abordado por este trabalho.

## Referências

ALBUQUERQUE, A. Another ‘Fourth Branch’: press and political culture in Brazil. *Journalism*. London, v. 6, n. 4, p. 486-504, nov. 2005. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884905056817>. Acesso em: 5 jan. 2023.

BONNER, W.; VASCONCELLOS, R. *Jornal Nacional*. 04 jun. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8604272/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BONNER, W.; NETTO, V. *Jornal Nacional*. **Ministério da Saúde confirma que vai mudar critério de contagem de mortes por Covid**. Vídeo, 7m. 08 jun. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8611979/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BONNER, W.; VASCONCELLOS, R. *Jornal Nacional*. 19 jun. 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9619854/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BRASIL. **Lei 12.527/2011, de 18 de novembro de 2011.** Dispõe sobre o acesso a informações e altera a Lei 11.111/2005, de 05 de maio de 2005 e dá outras providências.

CAMASÃO, L. **Independência no jornalismo em Santa Catarina:** parâmetros para aferição da liberdade profissional. 2017. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAJAZEIRA, P. et al. (orgs.). **Manual: os doze passos em Telejornalismo.** Cairi: UFCA, [s.d].

Diário Oficial da União, Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12527.htm#art46](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12527.htm#art46). Acesso em: 5 jan. 2023.

EMERIM, C. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 113-126, dez. 2017b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n2p113>. Acesso em: 5 jan. 2023.

EMERIM, C. Relações semióticas: O JN 2020 e as inserções publicitárias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador, BA. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2020.

EMERIM, C. Semiótica discursiva aplicada ao jornalismo: estudo de vinhetas televisivas. In: SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS, 2017, Florianópolis, SC. **Anais [...]**. Florianópolis: UDESC, 2017a.

EMERIM, C. Telejornalismo e Semiótica discursiva. In: VIZEU, A. et al. (org.). **Telejornalismo em questão.** Florianópolis: Insular, 2014.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros.** Vitória, 04 ago. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

G1. **Criado para divulgar dados sobre Covid, consórcio de veículos de imprensa chega ao fim.** 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2023.

GLOBO, Grupo. **Princípios Editoriais das Organizações Globo.** Rio de Janeiro: Globo, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2023.

GRUA DE CINEMA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Flórida:** Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Grua\\_de\\_cinema&oldid=55808456](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Grua_de_cinema&oldid=55808456). Acesso em: 26 jul. 2023.

HELLER, E. **A psicologia das cores.** São Paulo: Editora GG, 2013.

MIGUEL, L.; BIROLI, F. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **RBCS**, [s.l.], v. 25, n. 73, p. 59-174, jun. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092010000200004>. Acesso em: 06 jan. 2023.

MOM BRASIL. **Media Ownership Monitor Brasil**. 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

REZENDE, G. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2020.

ROITER, A. **Dicionário Técnico de TV**. São Paulo: Editora Globo, 1995.

SARTOR, B. A noção de interesse público no jornalismo: dimensões conceituais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16, 2018, São Paulo, SP. **Anais [...]**. São Paulo, SP: SBPJOR, 2018.

SILVA, C. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SPONHOLZ, L. Objetividade em jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 110-120, ago. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2003.21.3219>. Acesso em: 6 jan. 2023.

TOURINHO, C. **Inovação no Telejornalismo**: o que você vai ver a seguir. Vitória: Espaço Livre, 2009.

VASCONCELLOS, R. **Jornal Nacional. Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados da Covid-19**. Vídeo. 1m. 08 jun. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8611949/>. Acesso em: 16 jun. 2023.